

***Signwriting*: contribuições para o desenvolvimento linguístico de adultos ouvintes referentes à aprendizagem da libras como L2**

***Signwriting*: contribuciones al desarrollo lingüístico de los oyentes adultos en relación con el aprendizaje de las libras como L2**

DOI:10.34117/bjdv8n10-149

Recebimento dos originais: 12/09/2022

Aceitação para publicação: 10/10/2022

Luciana da Silva Araújo

Mestrado em Educação

Instituição: Centro Universitário Senac - Santo Amaro

Endereço: Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823, Santo Amaro, São Paulo - SP,

CEP: 04696-000

E-mail: lusilaraujo@gmail.com

RESUMO

Esse estudo trata-se de uma pesquisa exploratória, a qual utilizou um estudo de caso e fontes bibliográficas para a coleta e análise dos dados. O objetivo foi identificar a percepção de adultos ouvintes sobre as contribuições do *SignWriting* para o desenvolvimento linguístico referente a Língua Brasileira de Sinais - Libras - como segunda língua (L2). Os entrevistados reconheceram benefícios quanto a aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos da Libras, de modo que essa escrita de sinais os possibilitou aprender sobre configurações de mão, direcionalidade, orientação da palma e pontos de articulação, como também especificidades do tipo do movimento e de contato, sentido, repetição, sequencialidade, simultaneidade/alternância e sobre movimentos dos dedos. Eles reconheceram, ademais, novas aprendizagens referentes às expressões faciais e corporais, quanto aos seus usos afetivos e gramaticais. Conclui-se que o *Signwriting* contribuiu para a aquisição da Libras como L2, melhorando a produção e a compreensão de sinais, assim como proporcionando saberes sobre a estrutura da Libras.

Palavras-chave: *Signwriting*, escrita de sinais, Libras como L2.

ABSTRACT

This study is an exploratory research, which used a case study and bibliographic sources for data collection and analysis. The objective was to identify the perception of adult listeners on the contributions of *SignWriting* for language development concerning the Brazilian Sign Language - Libras - as a second language (L2). Respondents recognized benefits in phonological, morphological and semantic aspects of Libras, so that this sign writing allowed them to learn about hand configurations, directionality, palm orientation and points of articulation, as well as specificities of the type of movement and contact, meaning, repetition, sequentiality, simultaneity/alternation and finger movements. They also recognized new learning concerning facial and body expressions, as well as their affective and grammatical uses. We conclude that *Signwriting* contributed to the acquisition of Libras as L2, improving the production and comprehension of signs, as well as providing knowledge about the structure of Libras.

Keywords: *Signwriting*, sign writing, Libras as L2.

1 INTRODUÇÃO

As lutas dos surdos, as pesquisas sobre as Línguas de Sinais (LS) e o seu reconhecimento linguístico contribuíram para a evolução contínua dessas línguas, de modo que além da comunicação sinalizada, foram criados sistemas de escrita de sinais como o *SignWriting*.

A modalidade das LS é visuoespacial, logo exigem formas de escrita não são lineares, as quais reproduzem a estrutura dessas línguas, por isso “escrever diretamente em Libras através do *SignWriting* permite a associação rápida e direta entre o sinal escrito e o sinal expresso, isto é, falado em LS, e, conseqüentemente, um aprendizado mais rápido”. (Quadros & Karnopp, 2004 apud Barreto & Barreto, 2015, p. 55). Sobre o papel desse sistema de escrita na aquisição da Libras como L2, Gesser (2010) considera que “caberia o questionamento sobre a sua importância no ensino da língua de sinais para ouvintes” (2010, p. 66).

Tendo isso em vista, o objetivo do presente estudo foi identificar a percepção de adultos ouvintes sobre as contribuições do *SignWriting* para a sua aprendizagem referentes a Libras como segunda língua.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTUDOS LINGUÍSTICOS APLICADOS ÀS LÍNGUAS DE SINAIS

William Stokoe (1960) impulsionou o reconhecimento linguístico das línguas de sinais, provando que não são mímicas nem pantomimas e sim línguas naturais com signos (icônicos e arbitrários) convencionados socialmente. Stokoe analisou a produção dos sinais na língua de sinais americana, ASL, identificando a ocorrência simultânea dos parâmetros: configuração de mão, locação, orientação da palma. Após os estudos de William Stokoe, houve novas pesquisas sobre as línguas de sinais no mundo todo, provando que possui todos os níveis de análise linguística, já que têm “unidades mínimas (‘fonemas’), que se combinam para formar palavras; padrões prosódicos; suas palavras se combinam para formar enunciados; os enunciados apresentam proposições que podem ser analisadas do ponto de vista semântico, pragmático; seus usos apresentam questões de ordem sociolinguística” (Quadros, 2019, p. 25-26). Atualmente pesquisadores como Quadros (2019) enumeram cinco parâmetros: configuração de mão; locação ou ponto de articulação; movimento; direcionalidade e expressões não manuais - faciais e corporais. Além disso, ressaltam que as LS têm as mesmas propriedades das línguas orais, ou seja,

flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade e produtividade, dupla articulação padrão e dependência cultural.

Já no modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989), os parâmetros são reinterpretados, levando em consideração características de sequencialidade, pois “enquanto a simultaneidade é o princípio organizador da estrutura de cada segmento, a sequencialidade é o princípio organizador da estrutura interna de cada sinal, uma vez que este pode ser constituído por um ou mais segmentos” Xavier (2012, p.14). De modo resumido, trata-se de uma análise dos vários traços inerentes à composição dos sinais, os quais são agrupados em dois feixes: articulatório e segmental. O feixe articulatório caracteriza a forma assumida pela mão, a sua orientação e o espaço de sua sinalização; enquanto o feixe segmental informa se o traço é um movimento ou uma suspensão (mão estática). Deste modo, o feixe articulatório é composto por traços referentes às configurações de mão (se há envolvimento do antebraço, como estão configurados os dedos indicador e mínimo e como está configurado o polegar) e referente ao ponto de contato (localização onde o segmento é realizado - na mão passiva, em outro local do corpo ou no espaço neutro) e se ocorre na palma ou no dorso da mão. Ainda no feixe articulatório, são descritas informações sobre face e orientação, indicando a direção da palma da mão e o plano em que o sinal é realizado. Já o feixe segmental é composto por traços referentes à classe maior, que indica se é uma suspensão ou um movimento e analisa aspectos quanto ao contorno de movimento, descrevendo se é um movimento reto ou circular (Xavier, 2012). Vale ressaltar que especificidades dessa análise são empregados no *SignWriting*, por exemplo, aspectos relacionados aos planos, pontos de vistas, tipo de movimentos, dinâmica, extensão e flexão das falanges, configuração de mãos, dentre outros que serão apresentados no decorrer desse artigo.

2.2 METODOLOGIA DE ENSINO DA LIBRAS COMO L2

De acordo com Gesser (2010), as metodologias de ensino de línguas se estruturam a partir da Linguística, da Psicolinguística e do Ensino de Línguas, além da divisão nas abordagens gramatical e comunicativa. Já no que diz respeito às pesquisas com o foco no processo de aquisição, destacam-se os modelos inatista, cognitivo e o sócio-construtivista, a saber:

Figura 1: (Brown, 2000, apud Gesser, 2010, p. 39)

Inatista	Cognitiva	Construtivista
[Krashen]	[McLaughlin/Bialystok]	[Long]
<ul style="list-style-type: none"> - aquisição subconsciente superior à "aprendizagem" e ao "monitoramento" - insumo compreensível ($i+1$) - filtro afetivo baixo - ordem natural de aquisição - "opção zero" para instrução da gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - processamento controlado/ automático (McL) - atenção focal/periférica (McL) - reestruturação (McL) - implícito x explícito (B) - conhecimento analisado x não analisado (B) - instrução com foco na forma 	<ul style="list-style-type: none"> - hipótese da interação - retenção (<i>intake</i>) de insumo através da interação social - hipótese da produção (<i>outcome</i>) (Swain) - autenticidade - instrução com base em tarefas

As técnicas de ensino, abordagens e metodologias devem ser analisadas e usadas criticamente, a fim de se adequar às necessidades dos aprendizes, possibilitando aprendizagens significativas, “por isso o estudo sobre as metodologias de ensino de línguas deve ser feito criticamente, pois é sabido que o êxito na docência e no processo ensino-aprendizagem depende de inúmeras variáveis” (GESSER, 2010, p. 31). Analisando o processo de aquisição, Gesser (2010) sugere aos professores de Libras as seguintes ações para facilitar o processo de aprendizagem dos seus alunos:

[...] desenvolver a estratégia metacognitiva em seus alunos estimulando-os a estabelecer metas e objetivos no próprio aprendizado, ou ainda em relação à estratégia cognitiva, solicitando que seus alunos foquem em idéias principais em uma atividade de compreensão sinalizada (ex. dialogo em LIBRAS). Você pode também esboçar idéias de como trabalhar aspectos diferentes da LIBRAS como a gramática, expressão facial, produção em sinais, vocabulário, etc. Tente especular às preferências de seus alunos na forma pela qual eles resolvem problemas ou dúvidas em uma determinada atividade. Dedicar um tempo para focar as estratégias que os alunos ouvintes utilizam quando aprendem a LIBRAS pode lhe dar uma boa direção na hora de tomar decisões no planejamento e intervenção na sua prática de ensino, e conseqüentemente, contribuir para o processo de construção de conhecimento de seus alunos. (GESSER, 2010, p. 63-64).

Gesser (2010) ainda orienta que o vocabulário seja ensinado de forma contextualizada, promovendo a construção de conhecimentos sobre contextos estruturais (nível da sentença) e comunicativos (nível do uso), de modo que o desenvolvimento do repertório linguístico seja significativo. Também é importante estimular os alunos a consultarem em dicionários e desenvolverem estratégias que facilitem a compreensão (associações, comparações etc.) a fim de diminuir os momentos de tradução. O professor deve trabalhar cadência, entonação, ênfase, velocidade/continuidade e a regras conversacionais da Libras. Quanto ao material didático, ele “deve ter a liberdade de

formular e reformular os objetivos sempre pensando nas necessidades dos aprendizes, procurando atender o seu contexto imediato" (GESSER, 2010, p. 81).

2.3 ESCRITA DE SINAIS

De acordo com Barreto & Barreto (2015), o *SignWriting* é uma escrita visual que registra as Línguas de Sinais com grafemas que representam a cabeça, a face, o tronco, os membros, as mãos e os movimentos, além da dinâmica e tempo. A sua notação é feita a partir da perspectiva do sinalizador, pois “ao ler e escrever os sinais é como se estivesse vendo suas próprias mãos” (Barreto & Barreto, 2015, p. 122). Esse sistema foi criado por Valerie Sutton em 1974 a partir do sistema *DanceWriting* (notação da dança), de modo que:

[...] contribui para a memorização, aprendizagem e organização do pensamento em Libras de maneira mais rápida. Isto acontece porque ela registra os sinais de forma visual direta, parte por parte, com grafemas altamente icônicos. Isto envolve diversas áreas do cérebro, criando inúmeras conexões ao mesmo tempo [...] a Escrita de Sinais pelo sistema *SignWriting* nos permite este tipo de análise da estrutura da Libras de forma muito natural. Você começa a observar detalhes da língua que não observaria de outra forma (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 47).

A seguir, serão apresentadas características da notação dos parâmetros dos sinais da Libras no *SignWriting*.

2.3.1 Orientações de mão

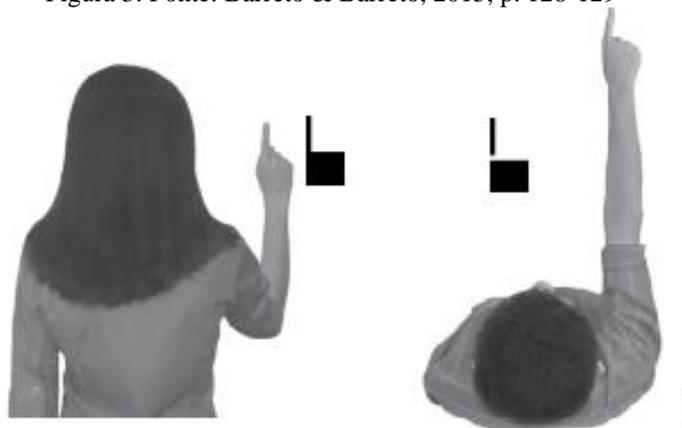
Quando o sinalizador vê o dorso da mão na produção do sinal, a cor do grafema usado na escrita será preta e, se vê a sua palma da mão, será branco. Se a mão estiver de lado, o grafema terá metade branco, metade preto.



2.3.2 Orientações da palma

É possível fazer a notação do ponto de vista, conforme imagens seguintes, representando se a mão está paralela à parede de frente ou se a sua posição é paralela ao chão - plano parede ou plano chão. No caso em que a mão está posicionada na horizontal e o sinalizante olha para suas próprias mãos por cima, utiliza-se um pequeno espaço separando os dedos.

Figura 3: Fonte: Barreto & Barreto, 2015, p. 128-129



2.3.3 Configurações de mão

Com relação às configurações de mão, foram identificadas 111, as quais estão divididas em dez grupos no *SignWriting*, considerando os dedos usados e os números de 1 a 10.

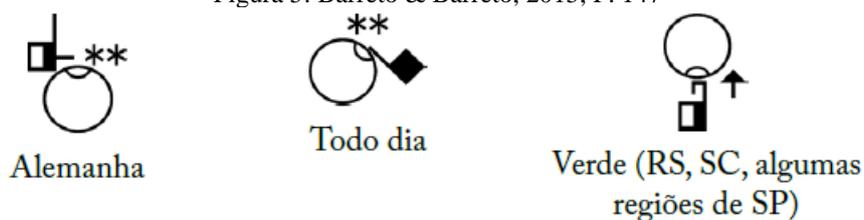
Figura 4: Barreto & Barreto, 2015, p. 321

GRUPO	SÍMBOLO DO GRUPO
1. Indicador	
2. Indicador e médio	
3. Indicador, médio e polegar	
4. Quatro dedos	
5. Cinco dedos	
6. Dedo mínimo	
7. Dedo anelar	
8. Dedo médio	
9. Indicador e polegar	
10. Polegar	

2.3.4 Locação/ponto de articulação

Para representar a cabeça, usa-se um círculo e é usado um semicírculo no local da face em que a mão toca, de modo que a configuração de mão e o símbolo de contato posicionam-se próximo do semicírculo.

Figura 5: Barreto & Barreto, 2015, P. 147



Quando a mão toca nos ombros e no peito, o grafema de contato é escrito abaixo do grafema que representa a mão. E se o peito ou os ombros são tocados ou se movem, uma linha grossa é usada para representá-los.

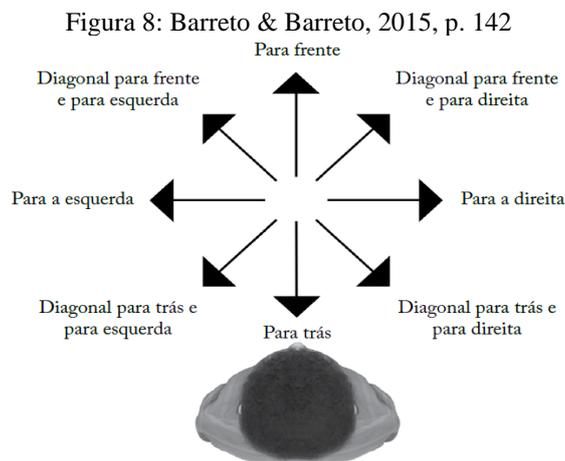


2.3.5 Setas básicas de movimento

Quando o sinal é feito no plano parede, são usadas setas duplas para indicar os caminhos percorridos pelo movimento. A seta com a ponta branca representa o deslocamento para esquerda e a ponta preta indica que a mão direita move.

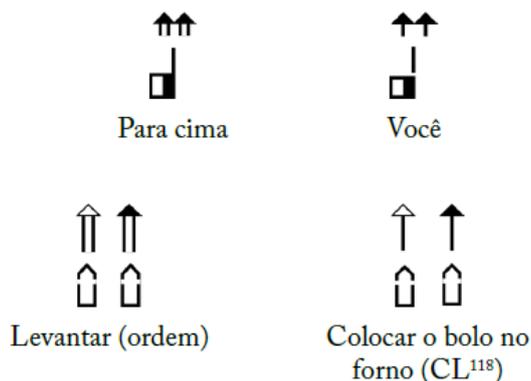


No caso de movimentos paralelos ao chão, usa-se setas simples.



Os pares de sinais abaixo distinguem-se pelo tipo de movimento (para cima ou para frente) e pelo plano (chão ou parede), os quais são escritos com setas duplas ou setas simples para diferenciá-los na notação.

Figura 9: Barreto & Barreto, 2015, p. 143



2.3.6 Tipos de contato

Os tipos de contatos realizados em alguns sinais também são registrados no *SignWriting*. O grafema “*Tocar*” (indicado por um asterisco) é usado quando há o toque suave e se ocorrer de um modo mais forte, usa-se o grafema “*Bater*”, conforme imagens a seguir:

Figura 10: Barreto & Barreto, 2015, p. 208



Já o grafema “*Escovar*” refere-se ao “contato em que a mão se arrasta brevemente numa superfície e depois se separa. É representado por um círculo com um ponto preto no centro” (Barreto & Barreto, 2015, p. 133).

Figura 11: Barreto & Barreto, 2015, p. 133



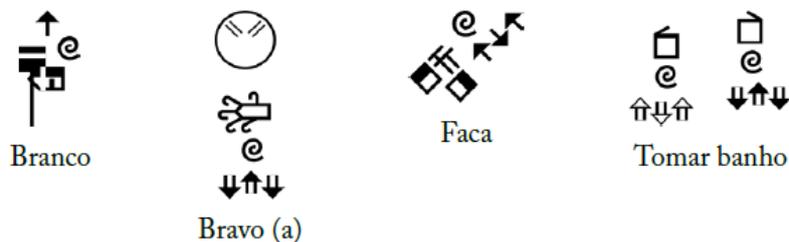
O contato “*Esfregar em Circulo*” é representado por um espiral, indicando que o movimento é circular e que o contato ocorre em todo momento de realização do sinal e que permanece na superfície.

Figura 12: Barreto & Barreto, 2015, p. 172



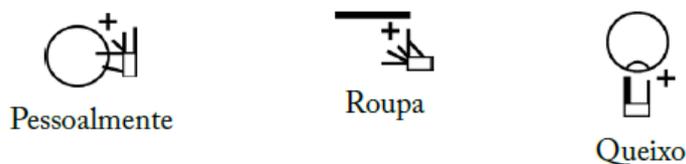
Já o contato “*Esfregar Linear*” possui setas que indicam a direção do movimento. Assim, usa-se o grafema espiral junto com setas de movimento.

Figura 13: Barreto & Barreto, 2015, p. 172



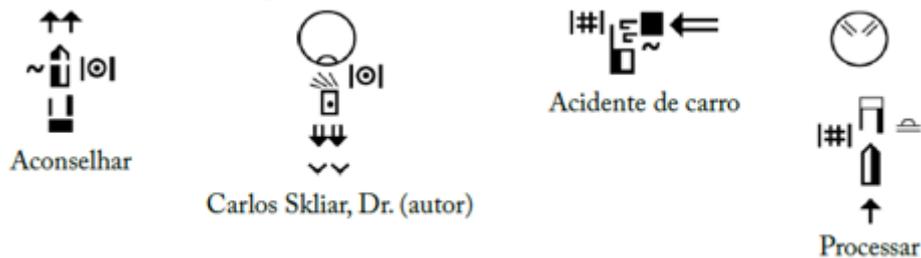
Há também o grafema de adição para o contato "Pegar", indicando que a mão segura uma parte do corpo ou da roupa.

Figura 14: Barreto & Barreto, 2015, p. 194.



Por fim, quando o contato acontece entre duas partes do corpo, o grafema usado para representá-lo (tocar/escovar/bater/esfregar/pegar entre) é colocado entre duas linhas verticais:

Figura 15: Barreto & Barreto, 2015, p. 227



2.3.7 Articulação Média e Articulação Proximal

Para os movimentos dos dedos, usa-se é um ponto preto ao lado do dedo que se move se a articulação média é flexionada. Mas quando o dedo é estendido, usa-se um ponto branco.

Figura 16: Barreto & Barreto, 2015, p. 16



No caso da articulação proximal, uma pequena ponta de seta é usada para representar o movimento dos dedos. Para flexão, usa-se uma seta apontando para baixo e, se for extensão, aponta para cima. Quando o sinal tem os dois movimentos, flexão e extensão, representa-se com uma “linha formada por várias pequenas pontas de seta unidas que apontam para cima, para baixo e novamente para cima” (Barreto & Barreto, 2015, p. 167).

Figura 17: Barreto & Barreto, 2015, p. 184



2.3.8 Expressões não manuais

É possível fazer a notação das expressões faciais e corporais de um sinal. Para ilustrar, seguem alguns grafemas usuais relacionados às expressões faciais e aos movimentos dos ombros e tronco.

Cabeça:

Figura 18: BARRETO & BARRETO, 2015, p. 242-245

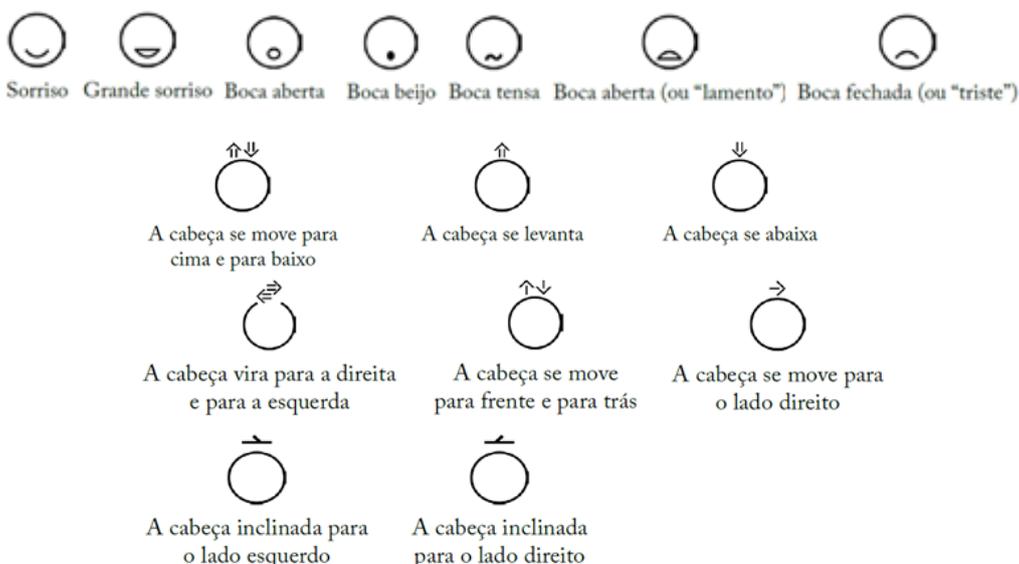


Figura 19: Barreto & Barreto, 2015, p. 210)



Figura 20: Barreto & Barreto, 2015, p. 281-282



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se classifica como uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que se utilizou estudo de caso e procedimentos bibliográficos. Para identificar a percepção de ouvintes sobre as contribuições do *SignWriting* para a aprendizagem da Libras como L2, a coleta de dados ocorreu de julho de 2020 à outubro de 2020 e foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas enviados por e-mail a uma amostra composta por 14 participantes ouvintes adultos, os quais possuíam níveis intermediário ou avançado de conhecimento sobre a Libras e haviam aprendido o *SignWriting*. Assim, eles responderam 13 perguntas para constatar se houve contribuições

quanto aos aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos da Libras. Realizou-se, também, um levantamento bibliográfico a partir de obras que tratam de estudos linguísticos das LS, do sistema de escrita *Signwriting* e da metodologia do ensino da Libras como segunda língua, tais como Barreto & Barreto (2015), Gesser (2010), Xavier (2012) e Quadros (2019). O estudo considerou os seguintes objetivos específicos para investigar as contribuições do *Signwriting* para a aprendizagem ou fixação dos parâmetros que compõem os sinais na Libras;

- Verificar se contribuiu para o aprendizado das configurações de mão e pontos de articulação;
- Analisar benefícios na compreensão sobre a direcionalidade e o movimento (tipo, contato, sentido, repetição, sequencialidade/simultaneidade, alternância e flexão/extensão dos dedos);
- Discorrer sobre as aprendizagens referentes às expressões faciais e corporais;
- Identificar benefícios referentes aos aspectos morfológicos e semânticos;
- Comparar as formas de letramento em *Signwriting* e em Língua Portuguesa;
- Verificar se impactou em mudanças na percepção dos entrevistados sobre a Libras.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 CONTRIBUIÇÕES DO *SIGNWRITING* PARA A APRENDIZAGEM E/OU FIXAÇÃO DOS 5 PARÂMETROS DA LIBRAS

Os entrevistados foram indagados a respeito das contribuições *SignWriting*, relatando exemplos. A maioria percebeu benefícios na aprendizagem e/ou fixação dos parâmetros que compõem os sinais na Libras, de modo que 50% mencionaram novos saberes sobre vários sinais; 28,6% mencionaram um sinal; 7,1% responderam que sim, mas que não se lembravam de nenhum sinal e 14,3% não tiveram nenhuma aprendizagem, salientando que o *SignWriting* era difícil e que era preciso estudar mais sobre essa escrita. Uma entrevistada respondeu: “Com certeza, minhas expressões, movimentos e sinalização ficaram melhores, erro menos e conseqüentemente a compreensão da minha comunicação para o surdo será com mais clareza” (A. C. T.). A relevância do *SignWriting* também foi destacada por outra participante que ressaltou que “o *Signwriting* devia ser

ensinado no começo do curso de Libras de uma forma mais básica, pois ajuda muito a compreender os 5 parâmetros da Libras” (K. E. P. G.)

Questionados sobre os benefícios de aprender sobre plano parede e plano chão e sobre orientação da palma da mão por meio da escrita de sinais, 78,6% dos participantes da pesquisa compreenderam melhor tais aspectos e 21,4% responderam negativamente. Para exemplificar, uma entrevistada afirmou que compreendeu que “a orientação da palma da mão faz uma grande diferença nos sinais de paciência e cadeia e nos sinais de mostrar e ajudar” (E. C. C.). O entrevistado (C. G. F.) também destacou que percebeu “que no sinal de carro, a mão não fica de lado, pois palma virada para quem faz o sinal e que no sinal de comprar a mão em ‘L’ fica de lado e não com a palma virada para cima como eu fazia”.

No que diz respeito aos pontos de articulação, 85,7% dos participantes reconheceram que a escrita de sinais favoreceu a aprendizagem e 14,3% não notaram benefícios. Para ilustrar, seguem dois depoimentos:

Antes de aprender escrita de sinais eu fazia o sinal de bom na frente da boca, mas agora aprendi que é na frente do queixo. Também fazia errado o sinal de domingo, mas após o signwriting percebi que esse sinal é feito com a mão em D em círculo ao redor da na boca e não do rosto todo (M. A. T.).
Aprendi que o sinal de conseguir é a configuração em L que se aproxima da lateral direita do queixo e faz movimento semicircular para o lado direito, já o sinal de repetir/novamente faz movimento vertical no espaço neutro a frente do corpo. (M. L. C.)

Vale ressaltar também que conhecer os símbolos dos diversos tipos de movimento (retilíneo, circulares, curvos, diagonais, movimento de pulso, rotação de antebraço, de crânio e do ombro etc.) por meio do *Signwriting* foi um benefício relevante diante da comunicação em Libras. Assim sendo, o entrevistado A.S.L mencionou:

Tinha muita dificuldade com sinais que fazem movimento com o pulso tipo o sinal de churrasco, longe, gramática, floresta, provocar, enorme. Eu ficava perdida, mas aprendi sobre os tipos de movimento de pulso e agora faço sinais com esses movimentos facilmente. (A. S. L)

Envolvendo o parâmetro movimento, outro participante acrescentou que foi possível tirar dúvidas sobre o sentido de alguns sinais, pois aprendeu “que o sentido do movimento dos sinais de usar e faculdade é anti-horário, eu fazia movimentos circulares no sentido horário antes (K. E. P. G.). A entrevistada A. C. T salientou que no caso de sinais como “tontura por exemplo, com o sinal de Brasil, o movimento através do estudo de signwriting me ajudou a nunca mais confundir. Ir e entrar também confundia muito,

entre muitos outros”. No que se refere ao parâmetro movimento, um dos entrevistados expõe que: “aprendi que sinais como casa e morar, cadeira e sentar, a quantidade de contato ou movimento determina se é verbo ou substantivo” (F. T. C. D.). Do mesmo modo, estudar sobre os símbolos de contato possibilitou que a entrevista E. C. C. percebesse “que a diferença entre o sinal de curso e cinza é o tipo de contato”. Outra participante acrescenta que:

Achei muito legal aprender sobre os símbolos de contato, porque tirei algumas dúvidas. Aprendi que meu/minha e desculpa tem dois contatos e não um, [...] também que resolver/decidir tem contato na cabeça antes da mão girar e ainda sobre contato, após estudar a escrita de sinais eu vi que a diferença dos sinais de idade e orgulho é o tipo de contato e movimento (C. A. O. S).

Da mesma forma, foram mencionadas aprendizagem sobre “sinais que possuem movimento para dentro e para fora e movimentos simultâneos” (S. C. S.), como também a respeito da flexão e extensão das falanges repercutindo na realização correta de sinais. Dentre os apontamentos dos entrevistados sobre esse último ponto, merece destaque:

Com o signwriting eu pude aprender sobre as flexão e extensão de falanges e isso me ajudou a tirar dúvidas sobre a quantidade que um movimento se repete, por exemplo no sinal de difícil em que o dedo flexiona duas vezes, assim como no sinal de famoso. (B. S. A. P.)

Os participantes da pesquisa mencionam, ademais, que puderam aprender sobre expressões não-manuais (faciais e corporais) usadas na Libras, já que no *Signwriting*, são registradas aquelas que “produzidas pela cabeça, face e tronco com precisão, pois o inventário de grafemas para este fim é bem detalhado. (BARRETO & BARRETO, 2015, p. 79). A entrevistada M. L. C relatou que a escrita de sinais a ajudou “a fazer melhor as expressões na realização dos sinais, por exemplo, os sinais de “não pode” e ocupado ou de classificadores como em uma cena de um acidente de carros por exemplo”. Sobre esse aspecto, outra entrevistada também afirmou:

Eu já sabia que as expressões não manuais eram importantes, mas não imaginava que poderiam ser escritas e que havia detalhes tão importantes que alteram completamente o sinal ou que permitem a compreensão mais precisa do significado, por isso fiquei surpresa de saber que até expressões faciais e corporais podem ser registradas com tanta clareza. (M. L. C.)

Sobre a aprendizagem das expressões não-manuais por ouvintes, Gesser (2010) destaca-se que é importante que sejam trabalhadas nas aulas por meio de diversas estratégias e atividades, pois “o aluno ouvinte tem bastante dificuldade, no início da

aprendizagem, em compreender a diferença que a expressão da face tem para marcar aspectos gramaticais” (GESSER, 2010, p. 70).

4.2 LETRAMENTO EM *SIGNWRITING* E EM LÍNGUA PORTUGUESA - SEMELHANÇAS COM RELAÇÃO AOS BENEFÍCIOS

Sutton (2013 apud Barreto & Barreto, 2015, p. 83) afirma que “os benefícios que o *SignWriting* oferece para os seus usuários, surdos e ouvintes, são os mesmos propiciados pelas escritas de outras línguas como o Português, Inglês, Espanhol, etc.”. Ao compararem a aprendizagem do *Signwriting* com a alfabetização na Língua Portuguesa, 85,8% disseram que notaram semelhanças com relação aos benefícios, 7,1% não souberam dizer e 7,1% não perceberam nada em comum. A entrevistada N. A. S. disse que “toda língua escrita é desafiante, português é uma língua tão complexa quanto *signwriting*”. Dentre as semelhanças sobre os benefícios entre dois tipos de letramento, destacam-se o registro e acesso a informações; desenvolvimento da comunicação oral e em sinais; o uso de dicionários; a distinção entre homônimas e pares mínimos; a aprendizagem de novas palavras/sinais e sobre a estrutura da língua; a aquisição de regras gramaticais e ortográficas. Assim, a participantes abaixo relatou:

Quando fui alfabetizada na Língua Portuguesa, passei a conseguir pronunciar palavras que antes tinha dificuldade, não sabia a forma correta de falar ou não sabia o seu significado, pois morava na zona rural e minha família tinha pouca instrução, por isso um mundo novo se abriu, pois a leitura/escrita nos dá a oportunidade de acessar novas informações e conhecimentos continuamente. Comparando com o *Signwriting*, tive benefícios semelhantes com relação a aprendizagem da Libras (K. E. P. G.).

Apesar de serem escritas diferentes, ambas possibilitam o registro e o acesso a informações, bem como a interação entre surdo-surdo e entre surdo-ouvinte. Sobre este aspecto, F. T. C. D. mencionou: “me lembro que li no livro *Escrita de Sinais sem mistérios* que os autores, Madson Barreto e Raquel Barreto, contam como a escrita de sinais foi útil para a comunicação entre eles” (F. T. C. D.). Outra participante percebeu que “a Libras é muito parecida com as línguas orais e sua escrita também pode gerar benefícios parecidos para a aprendizagem da própria língua” (M. A. T.).

Quanto ao uso de dicionários e a consequente descobertas de novas palavras/sinais e seus significados, A. S. L. afirmou que o *Signwriting* possibilitou a consulta de sinais em dicionários como Capovilla, por exemplo, onde é possível “aprender novos sinais porque ao ler a escrita de sinais, consigo compreender todos os parâmetros

do sinal analisando o Signwriting, mesmo sem ter visto ninguém fazendo esse sinal antes”. (A. S. L.)

Referente às homônimas e aos pares mínimos, o *Signwriting* contribuiu para distinção dos pares mínimos, dos significados de palavras ou sinais homônimos, assim como reforçando aprendizagem sobre o uso da língua em contextos sociais diversos. O fragmento transcrito a seguir nos permite abordar melhor a questão:

Eu confundia alguns sinais com parâmetros parecidos como os sinais de preparar e julgar/juiz, mas depois de aprender a escrita de sinais aprendi a diferença entre eles, que preparar tem os movimentos retos para os lados e julgar/juiz tem movimentos retos pra baixo e pra cima. (M. A. T.)

Também houve uma comparação entre as regras ortográficas do *SignWriting* e da escrita das línguas orais, conforme o depoimento abaixo:

Vi que muitas regras na escrita podem ser comparadas com as regras de línguas orais, tem um padrão, uma forma de escrever estipulada pelas regras que devem ser seguidas para que a escrita seja fiel e represente da mesma forma palavras ou sinais que têm parâmetros semelhantes, nada é aleatório. (C. A. O. S.)

Quase a totalidade dos entrevistados, 92,9%, afirmou que alterou de forma positiva a sua percepção sobre as línguas de sinais após aprender *Signwriting*, enquanto 7,1% não soube responder porque achou essa escrita “muito difícil, mais do que os sinais, precisava de estudar por mais tempo”. Assim, de modo geral, os entrevistados consideraram relevante a possibilidade de os sinais serem escritos para possibilitarem a comunicação em LS em outra modalidade. Deste modo, aprender a escrita de sinais impactou na opinião deles sobre a Libras conforme salienta o entrevistado B. S. A. P em seu depoimento: “não imaginava que escreveria um sinal quando comecei a fazer o curso de Libras, então o Signwriting ajudou a comprovar que a Libras é uma língua cheia de possibilidades”. Ainda, houve a reafirmação do seu status linguístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos evidenciaram benefícios gerados pelo *Signwriting* quanto ao desenvolvimento linguístico referente à Língua Brasileira de Sinais. Pela significância dos depoimentos, constata-se que o *Signwriting* contribuiu para a aprendizagem e/ou fixação de aspectos da fonologia da Libras, parâmetros que compõem os sinais, como também possibilitou a construção de conhecimentos sobre aspectos morfológicos e

semânticos. Deste modo, a escrita e leitura de sinais impactou positivamente nas habilidades de sinalização e compreensão da Libras, de forma que novos sinais foram adquiridos e/ou outros passaram a ser realizados corretamente. Como consequência da melhoria na sua fluência, os entrevistados disseram que esses benefícios repercutiram positivamente na compreensão da sua sinalização pelo surdo, por isso enfatizaram que *Signwriting* deveria ser ensinado no decorrer do curso de Libras para facilitar a aquisição dessa segunda língua.

Nesse sentido, a partir das percepções dos participantes da pesquisa, espera-se demonstrar benefícios do *Signwriting* na aprendizagem da Libras como L2 por adultos ouvintes, visando contribuir com novos usos possíveis referentes à escrita de sinais na aquisição da Língua Brasileira de Sinais, como também com pesquisas futuras sobre essa temática. Ressalta-se que novas aplicações e estudos são necessários para reafirmar ou contestar os achados dessa pesquisa, a fim de possibilitar que o ensino-aprendizagem preparem os estudantes das LS para que tenham excelência no grau de conhecimento e de desempenho nessa L2 e, principalmente, a interação e a inclusão social dos surdos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. rev. atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; PASSOS, Rosana. **Estratégias de ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua**. Revista Trama | Volume 14 | Número 32 | Ano 2018 | p. 27 – 39.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Publicada no Diário Oficial da União em 24/04/2002.

_____. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

GESSER, Audrei. **Metodologia de Ensino em Libras como L2**. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras**. Editora Parábola: São Paulo, 2019.

XAVIER, André Nogueira. A estrutura interna dos sinais da Libras à luz do modelo de análise fonético-fonológica de Liddell e Johnson (1989). In: ALBRES, Neiva de Aquino;

XAVIER, André Nogueira (org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: Feneis, 2012. Cap. 1. p. 13-56.